

humanitas

Vol. IV

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOL. IV (NOVA SÉRIE, VOL. I)



COIMBRA
MCMLII

lisada um carácter *pedagógico* e *sério* sem dar pelo significado irónico das afirmações respectivas do próprio Wieland.

É certamente interessante relacionar o romance de Wieland com as suas fontes. Mas se assim se esclarecem os métodos de trabalho do escritor, nada se revela acerca dos seus intuítos literários. Estes ressaltam antes da estrutura e do estilo da obra. A sua análise teria preservado o A. deste estudo da designação superficial e errada do romance como «inteiramente arcaico» (pág. 446) e de lhe atribuir uma «forma arcaizante» (pág. 458). Bastaria indicar o elemento da ironia intrínseca para distinguir o romance de Wieland de qualquer produto congénere da Antiguidade.

Não deixa de ser meritório e é justo distinguir a concepção da vida e da mentalidade dos Gregos, em *Die Abderiten*, da sua idealização winckelmanniana, mas não há razão para atribuir a Wieland intuítos polémicos ou sarcásticos contra pretensos exageros do Classicismo coevo.

Goethe, ao referir-se a estas divergências, no seu famoso *Elogio fúnebre* de 1813, relacionou as noções de Wieland com a sua concepção *latina* da Antiguidade greco-romana. A valorização integral desta indicação, conjugada com o ensaio do próprio Wieland *Sobre o carácter de Erasmo de Roter dão*, de 1777, aos quais o A. apenas alude no fim do folheto, tê-lo-ia levado a conclusões mais fundadas e mais exactas no sentido da integração de Wieland na tradição humanística.

A. E. BEAU

Jacques Perret, **Virgile, L'Homme Et L'Oeuvre**, Boivin & C.^e, Paris, 1952.

Integrado na colecção *Connaissance Des Lettres* (anteriormente *Le Livre De V'Étudiant*) e publicado pela Casa Boivin Et C.^{ie}, de Paris, recebemos ultimamente um livro de J. Perret, intitulado *Virgile, V'Homme Et VOeuvre*.

Trata-se de um trabalho realmente valioso; e outra coisa não seria de esperar da parte de quem já havia dedicado ao poeta mantuano mais do que um estudo.

Neste seu livro, Perret analisa, por vezes até à minúcia mais extrema, a obra virgiliana, baseado sempre nas últimas conclusões dos estudiosos ou em interpretações pessoais. A servir de complemento a esta análise, vem uma extensa e ordenada bibliografia, grandemente valorizada por oportunas notas sobre cada um dos livros. Aqui está um procedimento que seria útil ver continuado em outras obras de consulta, tanto mais que o não iniciado fica por vezes em sérios embaraços, quando se trata de escolher bibliografia para esta ou aquela matéria.

Depois de perto de uma dezena de páginas acerca da vida de Virgílio, J. Perret dá-nos um pormenorizado estudo das *Bucólicas*. Em seu entender, e de acordo com P. Maury, o livro revela uma composição concêntrica em torno da *Bucólica V*; mais ainda: certas perfeições aritméticas são, para o A., coisas que fazem pensar em *souvenirs pythagoriciens* (p. 22).

Sem, de modo algum, pretendermos contestar que semelhantes cuidados formais denotem uma poesia *extraordinairement attentive*, parece-nos, contudo, digno de admiração que num ambiente de «oratores» e «recitatores» as *Bucólicas* se destinassem apenas a ser lidas!

Quanto aos modelos, Perret admite a indubitável influência de Teócrito; mas reconhece, como J. Bayet, diferenças na paisagem e atmosfera, e até nos próprios pastores. Enquanto em Teócrito os figurantes são pastores ou criadores, em Virgílio são, de preferência, cultivadores.

Sobre as *Geórgicas*, poema do trabalho, tem o A. observações interessantíssimas, no que toca ao incompleto das indicações técnicas ou à pretensa desordem do poeta. Para ele, esta desordem é lirismo; tudo é efeito de uma vontade de arte. A omissão de certos desenvolvimentos essenciais, os resumos ou os alargamentos sem razão aparente justificar-se-iam em absoluto: as *Geórgicas* não se destinavam a ser lidas por agricultores. O que Virgílio pretendeu foi, acima de tudo, rodear a «charrua» das suas merecidas honras (*non ullus aratro dignus honos*).

Termina o livro uma apreciação da *Eneida*, seguida de algumas palavras a respeito da fortuna de Virgílio.

Esta parte do trabalho de Perret pareceu-nos tratada com menor desenvolvimento que as precedentes. Não nos referimos, é claro, ao número de páginas...

Um ou outro ponto, pelo menos (a equivalência Dido-Cléopatra, os deuses como figuração dos *fata*, o tipo do herói virgiliano, a imitação homérica e a evolução épica de Virgílio), foi, talvez, insuficientemente tratado. Gostaríamos, por ex., de ver referido o que Eneias deve ao precedente homérico, com outro desenvolvimento; e, por outro lado, as críticas que o próprio poeta faz ao antigo tipo heróico (v. g. Saque de Tróia). Virgílio concebe a guerra, não como um prazer, mas como o último recurso; tanto assim que Eneias só dele se serve, depois de falharem as tentativas de negociação pacífica com os Latinos.

Além disso, porque não admitir, como já alguém disse, que Eneias é o representante de um «estoicismo renovado», em vez de pôr simplesmente de parte essa interpretação? Estaria, assim, explicada a existência de alguns termos técnicos do estoicismo (como «exercitatio» e «praeceptio»: III, 182, v, 725; VI, 105), ea opinião de J. Bayet a p. 320, 19 da sua *Littérature Latine* tornar-se-ia mais aceitável do que aquela outra: *nous sommes dans l'Enéide fort loin du stoïcisme*.

O que acabamos de dizer não pretende diminuir o incontestável mérito deste livro de Perret. Apenas apontamos lacunas. Demais, o próprio Autor nos dá razão, na Advertência, quando diz: *il est difficile de tout dire en si peu de pages sur un aussi grand sujet.*

Lu ci ANO RAMOS

Álvaro dos Santos Saraiva de Carvalho — **O latim e a pedagogia.**

Aveiro, 1953. 53 páginas.

De forma alguma podemos considerar infeliz o presente opúsculo, porquanto, se doutros encómios não fosse credor, valia inquestionavelmente pela sua intenção. É mais um contributo em prol do ensino do latim nos liceus, que, em relação ao curso geral, ficou banido, ou quase, pelas disposições do decreto n.º 36507, de 17 de Setembro de 1947.

Em nota preambular, oferece-nos o A. um certo número de considerações de ordem pessoal, algumas das quais não se justificam plenamente em obra de tal índole.

O capítulo inicial «O ensino ameno e útil» está eivado de lugares comuns e o A. propõe-se tratar questões que, praticamente, deixa sem resposta, como a concenente à técnica de tornar ameno e útil o ensino do latim. A palavra «técnica» é muito exigente e não pode ser invocada de ânimo leve. Afiguram-se-nos, todavia, muito acertadas as afirmações a respeito das causas que determinaram bastante animadversão contra o latim, que o A. resume em maus professores e maus métodos. Há que frisar a circunstância de os liceus terem possuído e possuírem actualmente magníficos professores de latim. O A. revela, no entanto, uma pouca sorte, nada invejável, em só haver topado com verdadeiras lástimas durante os largos anos em que frequentou os liceus. Para nós, seria injusto não evocar a saudosa lembrança de António Quintela e de Rodrigo Fontinha, um em Lamego e outro no Porto, verdadeiros modelos de pedagogos, exemplos únicos nos estabelecimentos onde exerciam. Nesta falência transitória do latim, mais que professores e métodos, devem ter influído, parece-nos, os maus programas.

Segue-se o capítulo «Á volta de um inquérito», onde se expendem páginas de interesse sobre as respostas que vários alunos do Liceu Normal deram a um questionário, elaborado pelo A., acerca das vantagens, dificuldades ou simpatia que os mesmos experimentassem no estudo do latim. Oxalá o A. levasse os seus inquéritos mais longe, ultrapassasse o âmbito escolar, porquanto o tema é actual, sugestivo e da maior importância cultural. O latim, em rigor, foi eliminado, não por se